



ESTADOS UNIDOS

Vale tudo pelo controle do Congresso



Ronaldo Schemidt/AFP

Bandeiras na convenção nacional republicana: eleição decisiva para Trump

Donald Trump promete US\$ 5 mil para "cada americano adulto" se o Partido Republicano mantiver o controle de ambas as casas do Legislativo nas eleições de novembro. E avisa: a guerra contra o Irã dificilmente terminará antes da votação

A um mês e meio de ver o Partido Republicano enfrentar as urnas nas eleições legislativas de meio mandato, e diante do risco real de perder a maioria em ambas as casas do Congresso, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, prometeu que cada "adulto americano" receberia US\$ 5 mil (R\$ 25,5 mil) do governo federal caso o Partido Republicano consiga manter o controle do Congresso nas eleições de meio de mandato, em novembro, para as quais pediu voto como se fosse para ele.

"Se os republicanos vencerem, vocês vencem conosco e recebem US\$ 5 mil dólares. Isso será chamado de dividendo Trump", declarou, durante uma convenção republicana em Dallas, Texas, na noite de quarta-feira. O presidente não explicou de onde viriam os recursos para cumprir a promessa, cuja quitação demandaria, provavelmente, mais de US\$ 1 trilhão. O presidente limitou-se a afirmar que o país "está ganhando muito dinheiro".

O magnata republicano reforçou o desafio diante das pesquisas que mostram

as dificuldades de seu partido, diante da oposição democrata, para conservar o controle das duas câmaras do Congresso em 3 de novembro. "Peço que finjam que estou na cédula de votação. Estou na cédula, só mais uma vez", disse aos correligionários texanos, um eleitorado tradicionalmente fiel ao partido hoje governista.

Os índices de aprovação de Trump estão pouco acima de 30% — os mais baixos de sua carreira e da história recente. Os eleitores se mostram cada vez mais irritados com os preços elevados, em especial dos combustíveis, em boa parte decorrentes da guerra que o presidente iniciou contra o Irã, em aliança com Israel, no último dia de fevereiro.

Tendência desfavorável

A empresa de pesquisas eleitorais Decision Desk HQ prevê que os democratas conquistarão a Câmara dos Deputados, com 230 cadeiras, contra 205 dos



Se perdermos, vocês vão perder a segurança, vão perder sua riqueza, o país vai para o inferno e vocês vão para o inferno"

Donald Trump, presidente dos EUA

republicanos. No Senado projetam para a próxima legislatura uma maioria de 51 cadeiras a 49 a favor da oposição.

"Se perdermos, vocês vão perder a fronteira, as reduções de impostos", ameaçou Trump, no discurso para os correligionários no Texas. "Vão perder a segurança, vão perder sua riqueza, o país vai para o inferno e vocês vão para o inferno, assim como

há dois anos", disse, em referência velada ao antecessor imediato, o democrata Joe Biden.

Em seu discurso, o vice-presidente, JD Vance, afirmou que as tarifas comerciais impostas pelos EUA aos parceiros, unilateralmente, "geraram muita receita" e que o "dividendo Trump" seria uma forma de beneficiar os americanos. "O que o presidente está dizendo é: se vocês nos mantiverem no poder e nos permitirem continuar fazendo essas coisas, vão compartilhar parte dos benefícios dessa riqueza incrível", disse Vance, em uma entrevista ao canal de TV Fox News. "Não acho que seja uma ideia controversa."

Irã

Atento ao impacto eleitoral de um guerra impopular desde o início, principalmente pela disparada dos preços da gasolina e do diesel nas bombas, Trump reiterou a previsão de uma vitória que, segundo ele, reverterá a tendência de imediato — embora não encontre eco entre os

observadores da cena ou os operadores do mercado. Ao mesmo tempo, insistiu que o Estreito de Ormuz, vital para o transporte mundial de combustíveis, e interditado pelo Irã desde os primeiros ataques, deveria receber o seu nome.

"Os preços dos alimentos e de quase todos os outros itens estão caindo rapidamente", discursou. "E, aliás, o petróleo vai cair assim que vencermos a guerra com o Irã", afirmou, embora admitindo que "difícilmente" isso acontecerá antes da votação. O presidente repetiu o discurso de outros republicanos na convenção, que citaram uma "onda de comunismo" que estaria ameaçando os EUA.

"Vamos ser um país comunista, se eles vencerem", ameaçou. "Seu voto vai decidir se nosso país tropeça na porta de saída dos próximos 250 anos ou se vai seguir para a frente e nunca, nunca olhar para trás". A grande aposta republicana é saber se Trump consegue mobilizar os eleitores fiéis a ele, sem afastar ainda mais os independentes que se desencantaram com sua presidência.

Bush expõe pinturas sobre o 11 de setembro

Passados 25 anos dos atentados de 11 de setembro de 2021, o ex-presidente George W. Bush expõe no Texas cerca de 15 pinturas inspiradas em suas lembranças dos ataques que deixaram quase 3 mil mortos. Bush, que completou 80 anos em julho, estava havia menos de oito meses na presidência dos Estados Unidos quando ocorreram os atentados.

A exposição, intitulada *Remembering September 11* (*Lembrando o 11 de Setembro*), está em cartaz em seu museu presidencial, em Dallas, e retrata momentos que se seguiram aos ataques de 2001. A mostra começa com uma representação de Nova York depois que as Torres Gêmeas do World Trade Center (WTC) desabaram, atingidas por aviões comerciais sequestrados por jihadistas. Ao fundo, os edifícios do sul de Manhattan aparecem envoltos

em uma espessa fumaça cinza, sob um céu ainda azul.

"Vinte e cinco anos depois, (George W. Bush) voltou a esse momento decisivo da história dos EUA com pincel e tela, pintando os símbolos, as pessoas e os abraços que permaneceram gravados em sua memória desde então", diz a apresentação da exposição.

Em várias obras, Bush retrata a si mesmo: ao ser informado por seu chefe de gabinete de que um segundo avião havia atingido o WTC; consolando uma família ou uma mãe enlutada; cercado por bombeiros de Nova York; discursando na Catedral Nacional de Washington; e segurando a mão do pai, o também ex-presidente George H. W. Bush.

Outro elemento recorrente da série, marcada por cores intensas, é a bandeira norte-americana. Em uma das pinturas,



Ronaldo Schemidt/AFP

Visitantes apreciam as telas do ex-presidente: lembrança do terror

ela ocupa toda a tela sobre o Pentágono, sede do Departamento de Defesa — rebatizado informalmente por Donald Trump como "Departamento de Guerra" —, atingido por um terceiro avião sequestrado pelos terroristas.

"Esses são os momentos que o presidente Bush escolheu pintar, porque são aqueles de que mais se lembra: não o medo, mas a determinação; não o desespero, mas o instinto dos americanos comuns de se unir e ajudar uns aos outros", explica um comunicado.

George W. Bush governou até 2009 e começou a se dedicar à pintura três anos depois de deixar a Casa Branca, inspirado pelo ensaio do ex-premiê britânico Winston Churchill *Painting as a pastime* (*A pintura como passatempo*).

ORIENTE MÉDIO

Israel usou IA durante massacre em Gaza

As Forças de Defesa de Israel (IDF) utilizaram sistemas secretos baseados em inteligência artificial para detectar, por meio da rede de telecomunicações da Faixa de Gaza, os números dos celulares de vários militantes do movimento fundamentalista islâmico Hamas. Com os dados e a localização dos "soldados" do Hamas em mãos, as IDF bombardearam as casas dos alvos durante a noite.

Os ataques ocorreram depois que os israelenses invadiram os telefones e escutaram conversas das esposas e dos filhos dos extremistas antes de serem eliminados. A denúncia, feita por 24 militares das IDF e integrantes dos serviços de inteligência, aparece no documentário Naza, obra dos jornalistas israelenses Yuval Abraham e Rachel Szor que foi apresentada durante o Festival de Veneza.

Os denunciantes aceitaram dar o depoimento ao filme sob a condição de não terem a identidade revelada. O nome *Naza* é

um acrônimo militar que remete ao número estimado de civis que poderiam morrer em um ataque aéreo.

"Deixamos que os soldados e os oficiais falassem sobre o que fizeram", relatou Abraham em uma entrevista à agência *France-Presse*. Em outro momento, durante entrevista coletiva em Veneza, em contou: "Nós simplesmente dissemos a esses oficiais: 'Por favor, descrevam para nós o que vocês fizeram. Como esses sistemas funcionam? Façam um esboço para nós'. Às vezes, o simples fato de fazer as perguntas já leva às respostas. Alguns deles não demonstraram remorso, e outros sim. Alguns falaram com indiferença; outros, com orgulho." Abraham e Szor são dois dos autores do documentário *Sem Chão* (2024), ganhador do Oscar.

"No filme mostramos como podem usar um programa espião para abrir os telefones das pessoas no prédio e escutar o que realmente está acontecendo: os últimos



Bashar Taleb/AFP

Fogo e fumaça sobem ao céu após bombardeio israelense a uma casa na cidade de Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza

se sente um pouco como Deus", diz um dos relatos. "É como um videogame porque tudo é feito à distância", comenta outro.

Os depoimentos em Naza, a partir de entrevistas realizadas em terraços de Tel Aviv, durante a noite, são fruto de anos de trabalho de investigação para poder criar uma possível relação de confiança. Mas os idealizadores se surpreendem com o fato de as pessoas terem falado com tanta precisão sobre essas operações. "Como é possível que tanta gente — eram 24, mas havia mais que não aparecem no filme — estivesse disposta a revelar detalhes do sistema, falar dos crimes horríveis que haviam cometido?", questiona Szor. Com *Naza*, o único documentário em competição pelo Leão de Ouro, Abraham e Szor esperam que sirva para que o Ocidente abandone seu apoio diplomático e militar a Israel.